

ATA DA 021ª SESSÃO ESPECIAL DA
2ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 20ª LEGISLATURA
REALIZADA EM 31 DE OUTUBRO DE 2024, EM
HOMENAGEM AO MOVIMENTO HIP-HOP EM SANTA CATARINA
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO MAURO DE NADAL

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marquito) - Senhoras e senhores, boa-noite a todos. Invocando a proteção de Deus declaro aberta a presente sessão especial.

Gostaria de desejar boas-vindas a todos e todas, fiquem muito à vontade aqui na Assembleia Legislativa. Neste momento, convidamos para compor a Mesa conosco:

A senhora Vereadora do município de Florianópolis, Tânia Ramos;

O Senhor jornalista Edson Amaral, o "Edsoul", para compor a mesa também;

A senhora pioneira do rap feminista, Jussara Pereira de Lima;

Convidamos a senhora Vanda de Oliveira Gomes Pinedo, que neste ato representa o produtor cultural Juan Carlo Pinedo Zelaya;

O senhor produtor cultural, Rudiney Ribeiro Daniel, "Negro Rhudy".

Excelentíssimas autoridades, senhoras e senhores que estão aqui presentes mais uma vez, sejam muito bem-vindos e bem-vindas. A presente sessão especial foi proposta por este deputado e aprovada por unanimidade pelos demais parlamentares, em homenagem ao Movimento Hip-Hop em Santa Catarina.

A seguir, teremos a execução do Hino Nacional, composição de Francisco Manuel da Silva e Osório Duque-Estrada.

(Procede-se à execução do hino.)

Senhoras e senhores, neste momento quero convidar para fazer uso da palavra a senhora vereadora do município de Florianópolis, Tânia Ramos, para dar a sua saudação inicial, por favor.
[Transcrição: Northon]

A SRA. VEREADORA DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS (Tânia Ramos) - Boa-noite a todos e a todas, é um prazer estar aqui hoje, muita alegria, parabenizar

o Deputado Marquito por abrir este espaço e dizer ao Deputado que esse gesto é muito importante para a nossa cultura, faz parte da nossa vida. Trazer o hip-hop para dentro desses espaços, onde nós somos a maioria desse país e a minoria no poder de decisão. Então, construir esses espaços e trazer o nosso povo para cá, com essa cultura, com aquilo que é nosso, do nosso povo negro, do nosso povo periférico, ele é de grande importância e vai ficar na nossa história. Faz parte da nossa história!

Parabenizo a todas e a todos que serão homenageados hoje e vamos continuar na nossa luta, nessa construção, trazendo nossas pautas e as nossas culturas para dentro desses espaços que também é nosso e devemos ocupar. Parabéns a todos os homenageados, ao Deputado Marquito por trazer esta pauta. Estamos juntos e misturados. Um beijo, obrigado, um beijo no coração de vocês.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marquito) - Convido agora a nossa integrante da Mesa, Vanda Pinedo, para fazer uso da palavra com uma saudação.

A SRA. VANDA PINEDO - Boa-noite a todos e a todas. Meus agradecimentos ao Deputado Marquito por este convite, por essa lembrança, por poder estar aqui representando alguém que fez parte da história do hip-hop neste estado, Juan Carlos Pinedo. Poder trazer essa representação da juventude negra, juventude esta que sofre tanto com os ataques e com a falta de compreensão do que é a nossa cultura. Ver a nossa cultura representada nesse espaço, espaço de poder e espaço de decisão é de extrema importância e de referência para as futuras gerações, principalmente no que se refere à nossa juventude negra.

Deputado Marquito, obrigado pelo convite. Obrigado pela lembrança. Tenho certeza de que passado esses 20 anos, que o nosso companheiro partiu, que eu digo que guerreiros não morrem, guerreiros viajam, para uma viagem eterna, então, passado vinte anos da presença desse homem ilustre, militante, guerreiro, aguerrido, é muito

importante que seja lembrado a sua história e das marcas que deixou na história do povo negro em Santa Catarina e, principalmente, da juventude negra.

Saudação a todos que serão homenageados hoje, foi um prazer ver essa juventude aqui, que eu não via há tanto tempo, então é só alegria hoje. Eu sei que vivi momentos de tristeza de ontem para hoje, mas agora é só alegria e tenho certeza de que o Juan Pinedo está saudoso por esse momento. Juan Pinedo: presente! Obrigada.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marquito) - Muito obrigado. Queria convidar agora o "Negro Rudhy" também para fazer uma saudação.

O SR. RUDINEY RIBEIRO DANIEL - Boa-noite a todos e a todas. Obrigado, Marquito. Eu trago uma mistura de sentimentos. Sou um cara que vive o hip-hop há 25 anos ininterruptos e, de uns três dias para cá, vamos presenciando muita coisa. Sei que é uma saudação, mas precisamos saudar isso também: todos que estão sendo homenageados aqui, são merecedores pela história, pelo início da história. Eu não estava lá, mas quando sou convidado a citar alguns nomes da história que me foi contada, falta muita gente, mas a era uma lista reduzida, portanto acredito que muitos grupos estão sendo representados pela sua liderança. E, se fizesse mais dez homenagens desse tipo, faltaria mais gente ainda.

Então, acho que precisamos entrar em uma consciência: por que estamos anos-luz atrasados em relação a outros estados? E eu consigo ver, porque, graças a Deus, este ano estou visitando outros estados, participando de eventos que vão agregando um pouco à minha caminhada. Eu vou entendendo o porquê de tantas pessoas que estão aqui hoje, de tantas dessas mulheres que estão aqui hoje sendo homenageadas, também terem parado. O motivo de pararem é, muitas vezes, a frustração de fazer tanto e nunca ter o reconhecimento, aí fica "embaçado". As pessoas julgarem tanto a vida inteira, tendo o prazer de dizer que o Monte Cristo não é o berço do rap catarinense. Quem

estava lá, fala. Eu lembro de um "cara", em novembro do ano passado, no show do Arma-Zem, chamado Ademir, vulgo "Mizinho", chorando, eu lembro até hoje. Estávamos eu, ele, "Wagner Kchaça" e "Karyhn", pós-show, e o "Mizinho" nem ouviu eu falar dele no palco. Ele estava chorando pela emoção do show. Uma frase dele me chamou a atenção: "Eles querem acabar com a nossa história, a história do Monte Cristo e a história do berço do rap catarinense." Eu falei para ele que, enquanto eu estiver em vida, não! Porque, primeiro pelo meu bairro – mesmo que nem todos me amem lá, foi lá que eu nasci no rap, foi lá que eu aprendi a ser rap, e é lá que é o berço do rap catarinense. Isso não é desmerecer bairro nenhum. Quem me contou essa história foi "Edsoul", Jussara, "Mizinho", "Wagner Kchaça". [Transcrição: Mirela]

Então, faltou muita gente aqui para ser homenageada, se tivessem mil homenagens, faltaria mais mil homenagens para todo o hip-hop catarinense. O engraçado é que se não tem, não está bom, se tem também não está bom. É lamentável eu ter que ser reconhecido fora do meu estado e fora da minha cidade. Com tanta gente que eu já ajudei no movimento hip-hop e continuo ajudando, as portas sempre estiveram abertas. Portanto, gratidão por todos vocês que estão sendo homenageado hoje e quem está chegando no movimento hip-hop agora, Cuidado! Limpa o pé e pede licença para entrar. Gratidão.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marquito) - Hoje é dia 31 de outubro e a partir de amanhã terá início ao mês da Consciência Negra, no qual iniciamos aqui nesta Assembleia Legislativa, a abertura das celebrações da data a partir de hoje, por isso, a construção desta sessão.

Cada deputado tem direito apenas uma sessão especial por ano e a nossa decisão política do mandato foi de construir essa sessão que homenageará 25 pessoas, 25 movimentos, 25 organizações, 25 histórias de vida e de coletivos.

Na noite de hoje, como um ato muito simbólico e representativo na construção de uma sociedade

que olhe para todos e todas, quero inclusive dizer que hoje mesmo, neste mesmo dia, protocolamos um projeto de lei instituindo uma política integral de saúde à população negra. Nós conversávamos isso sobre um histórico dessa casa, com debates e que não havia sido implementada essa ação, e hoje, a partir de uma construção coletiva de muitos meses, com várias representações e em conjunto com o núcleo negro do mandato, nós protocolamos o projeto de lei para a política integral da saúde da população negra no estado de Santa Catarina. E que surge, infelizmente, na perda de companheiros, companheiras, camaradas, amigos e amigas que se foram ao longo da história e que pela ausência de uma política com olhar para a população negra, uma política de saúde, nós teríamos muitos deles e delas aqui conosco hoje, por isso a necessidade de uma lei, de uma política como essa.

Hoje, estamos aqui reunidos nesta sessão que vai homenagear somente 25 pessoas, entidades, grupos. Teríamos centenas para homenagear, sabemos disso. Teríamos muitas regiões do estado que vem desenvolvendo o hip-hop para homenagear, sabemos disso também. Porém, nós temos alguns limites institucionais e esse limite é das 25 homenagens. Eu quero deixar o meu compromisso político e dar continuidade a essas homenagens para as outras regiões do estado, para as outras iniciativas que não estão aqui, algumas delas eu vejo inclusive sentadas aqui, acompanhando esta sessão e são pessoas que construíram essa história também e que não foram homenageadas. Passaram aqui justamente nesse momento, com muita dignidade. Vamos manter o nosso compromisso político de dar continuidade a este reconhecimento, através das moções de aplausos, de reconhecimento dos instrumentos legislativos.

Que essa sessão seja acender uma vela, acender uma luz para dar continuidade a essa questão tão importante que é a cultura hip-hop, a cultura periférica do nosso estado e dar essa visibilidade.

Quero dizer que entendemos que a história do Movimento Hip-Hop foi construída por muitas outras

pessoas e que seriam necessárias várias sessões solenes para que pudéssemos contemplar toda essa história. Gostaria de dizer que o trabalho que foi realizado aqui em conjunto com o núcleo negro do nosso gabinete, em conjunto com o apoio do "Edsoul", do "Rhudy" e de muitos e muitas que estão aqui hoje. Foi um trabalho de muito compromisso, muita responsabilidade e de muita confiança no sentido de que estamos dando o passo certo no sentido do reconhecimento de todos e todas. E haverá espaço, sim, para todos que têm sua história, que tem a sua trajetória demarcada e que, sim, esta Casa precisa também os reconhecer.

Sendo assim, apesar das limitações, é com grande alegria que hoje temos a noite para celebrar essas 25 homenagens. E vocês foram indicados por um grupo, que discutiu, conversou gradativamente com muito cuidado, com muita qualidade, lembrando as histórias, mostrando realmente a origem, as raízes desse processo, que foram o motivo dessa escolha. E nos precisamos celebrar este momento, porque não é todo dia, não é todo ano, não é toda a legislatura que esta Casa abre um espaço para dar essa visibilidade no qual estamos construindo aqui. E não foi construída individualmente por um deputado, individualmente por uma assessoria do mandato, individualmente por um representante, foi uma condição construída por várias mãos e isso é importante destacar e demarcar esse processo.

O Movimento Hip-Hop é um movimento profundamente enraizado no Brasil e segue modelos de outras nações, como Estados Unidos e a Jamaica. Porém, nós temos algo que é fundamental e que esses países de origem não têm, que é a diversidade cultural que congrega esse nosso país, o nosso estado e as nossas cidades. O movimento hip-hop transcende a mera valorização de uma única expressão cultural, tratando-se ao contrário de um reconhecimento que determina as múltiplas culturas que coexistem e se entrelaçam. O Movimento Hip-Hop concede visibilidade e voz às manifestações artísticas que surgiram das ruas, movidas por descontentamentos da invisibilidade social e pela

busca por representação e reconhecimento das expressões que nascem nas periferias e nos guetos.
[Transcrição: Yasmim]

Essa diversidade se manifesta na fusão de elementos do rap, de DJs, das expressões artísticas dos grafiteiros e nas performances de *bit boys* e *bit girls*, que criaram uma identidade cultural, plural e dinâmica, que a cada ano tem a sua alteração, a sua manifestação, a sua inclusão e que se mantém viva porque preserva sua raiz, a sua história, mas que está sempre em movimento e em transformação.

Mergulhar nessa cultura fornece uma compreensão ampliada de mundo e das suas demandas. E essa compreensão deve ser incorporada e promovida, sim, neste espaço público, num espaço que deveria discutir as diversidades, as pluralidades do estado e que muitas vezes prefere não olhar como deveria olhar. Nesse sentido, eu enquanto parlamentar, assumo a responsabilidade por meio desse instrumento legislativo, que é o mandato, para contribuir na luta do Movimento Hip-Hop e fazer jus à luta de muitas vidas que passaram por este movimento, que deram suas vidas, deram as suas famílias para poder construir este movimento. E eu reconheço e honro a oportunidade também que é de poder estar aqui trazendo essa mensagem para esta Casa.

Desde o início do mandato, que começou um ano e meio atrás, nós contamos com o núcleo negro, que é responsável pela realização desta sessão especial em conjunto com a assessoria de cultura e que foi apoiado pelas iniciativas do Movimento Hip-Hop. O nosso mandato, em conjunto com a Deputada Luciane Carminatti e com o grupo de trabalho da comissão do hip-hop e do cinquentenário do hip-hop, realizou uma série de atividades no ano passado. Este ano com a audiência pública sobre os 50 anos do hip-hop, aprovou a lei da Semana Estadual do Hip-Hop Catarinense, iniciando em 12 de novembro. Ainda encaminhou o pedido, em conjunto com esses coletivos que o compõem, de reconhecimento do hip-hop como patrimônio cultural imaterial em Santa

Catarina através da Fundação Catarinense de Cultura.

Por fim, quero reafirmar o meu compromisso com o Movimento Hip-Hop na condição constante das políticas públicas, que dê essa visibilidade por reconhecimento e, mais do que isso, que mostre que o Movimento Hip-Hop e os elementos que compõem o hip-hop já salvaram muitas vidas, já colocaram muita gente no cenário do qual, se não fosse por esse instrumento, não chegariam ou não estariam onde estão hoje.

Assim como eu fiz na reunião de ontem no Fórum Estadual do Hip-Hop, quero reforçar e estender o meu compromisso a cada um e a cada uma de vocês aqui presentes, que confiaram nessa construção e estamos aqui nesta noite, para dar a repercussão necessária para o Movimento Hip-Hop e para aquelas homenagens que concederemos aqui nesta noite. Muito obrigado por confiarem e por estarem aqui conosco!

Eu quero agora convidar o mestre de cerimônias para proceder a nominata dos homenageados e das homenageadas desta noite.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS (Henrique Búrigo) - Senhoras e senhores, boa-noite!

Neste momento, o Poder Legislativo Catarinense celebra o Movimento Hip-Hop em Santa Catarina, homenageando personalidades que contribuíram na construção e na preservação da cultura hip-hop no estado.

Para fazer a entrega das homenagens de hoje, convidamos o excelentíssimo senhor Deputado Estadual e proponente desta sessão especial, Marquito.

Convidamos para receber a homenagem por fazer do seu lar um lugar de fomento à cultura hip-hop em Santa Catarina, a senhora Aldaléia Conceição.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convidamos para receber a homenagem o artista plástico e designer, senhor Ademir de Oliveira Junior, "ADJ".

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Para receber a homenagem, nós convidamos agora o rapper, músico, percussionista e produtor de palco e eventos, senhor Dagnaldo Gil dos Passos.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Também é homenageado na noite de hoje o jornalista Edson Amaral, "Edsoul".

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Para receber a homenagem, nós convidamos o fundador da primeira organização nacional de hip-hop no Brasil, senhor Isac Nascimento, "Kim Isac".

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas) [*Transcrição: Milyane*]

Para receber a homenagem, nós convidamos agora DJ e rapper, Jean Cardoso.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convidamos para receber a homenagem, a pioneira do rap feminista em Santa Catarina, senhora Jussara Pereira de Lima.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Para receber a homenagem, nós convidamos o rapper, educador social e produtor cultural, senhor Rudney Ribeiro Daniel, "Negro Rudhy".

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

A Assembleia Legislativa de Santa Catarina também presta homenagem ao rapper, músico e sambista Wagner de Andrade, "Wagner Kchaça".

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Em sessão especial a Assembleia Legislativa de Santa Catarina homenageia a produtora cultural e fundadora do Slam Cruz e Sousa, senhora Chaiane Guterres.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

O Poder Legislativo Catarinense presta homenagem ao DJ e produtor cultural, senhor Daniel Levy Glazer - "DJ Glazer", representado neste ato por sua esposa Laura Haendchen.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Recebe a homenagem neste momento o DJ e produtor musical, senhor Edson Moacir Costa - "DJ Albena".

(Procede-se à entrega da homenagem)

(Palmas)

Para receber a homenagem convidamos a trancista e rapper, senhora Elaine da Luz Ferreira.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Para receber a homenagem do Poder Legislativo Catarinense, convidamos o músico e serígrafo, senhor Fábio Martins Sipriano.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

O Poder Legislativo Catarinense também presta homenagem ao integrante do Grupo Rap Código Negro, o senhor Gustavo de Carvalho Rocha - "Precário", que neste ato é representado pelo DJ Capilé.

(Procede-se à entrega da homenagem)

(Palmas). *[Transcrição: Jêniifer]*

Para receber a homenagem, convidamos agora o músico compositor do Grupo Arma-Zen, Heron Romão da Costa, "Preto Dimi".

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convidamos para receber a homenagem a rapper e professora, senhora Janaína Carla Tavares Jascone, neste ato representada pela senhora Jussara Pereira de Lima.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Recebe a homenagem, em sessão especial, o músico, senhor Jean Fábio Conceição Nascimento.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

O Poder Legislativo Catarinense presta homenagem ao diretor social do Grupo Nação Hip-Hop de Santa Catarina, senhor José Cláudio Correia da Silva, o "Cláudio Rio", neste ato representado pelo vice-presidente do grupo Nação Hip-Hop, Marcos Antônio Batista.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Recebe a homenagem o produtor cultural e ativista do Movimento Negro Catarinense, senhor Juan Carlos Pinedo Zelaya, *in memoriam*, neste ato representado por sua viúva, senhora Vanda Pinedo.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Para receber a homenagem, nós convidamos o rapper, DJ, compositor e produtor musical, senhor Marcel de Fraga, "Rato Reverso".

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convidamos para receber a homenagem o idealizador e coordenador da Escola Olodum Sul, senhor Marcos Aurélio Rufino, "Marcos Canetta".

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Para receber a homenagem do Poder Legislativo Catarinense, nós convidamos agora o fundador da Batalha de Rap da Alfândega, senhor Mozart Renno, "Cubano".

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Agradecemos ao excelentíssimo Deputado Estadual Marquito pela entrega das homenagens de hoje. Mais uma vez, parabéns a todos os homenageados e homenageadas desta noite.

Informamos que esta sessão está sendo transmitida ao vivo pela TVAL e pelo canal da Assembleia Legislativa no *YouTube*, onde ficará disponível para visualização.

Para abrilhantar ainda mais esta sessão, nós convidamos a senhora Chaiane Guterres, que irá declamar uma poesia e na sequência, a senhora Bruna Vieira, que vai interpretar uma música à capela para nós, muito obrigado.

A SRA. CHAIANE GUTERRES - Boa-noite a todos. Dentro do Slam, temos um grito de guerra que antes de começar, eu vou puxar o grito e gostaria que vocês repetissem. Eu vou dizer: "Onde a voz ecoa e o grito ousa", e vocês dizem: "Slam Cruz e Sousa".

(Manifestação das galerias)

A SRA. CHAIANE GUTERRES - Fiquei pensando que, todos os dias, morrem centenas de mulheres negras,

tanto pelo feminicídio quanto pela mira da polícia ou pela negligência do estado. Morremos pelo parto, morremos por depressão, morremos por não sermos atendidas. [Transcrição: Meibel]

Fiquei pensando de que forma eu morreria. Pensei em surpreender a todo o mundo. Imagina se eu entrasse no Congresso, vestindo um vestido amarelo, tirasse a roupa e desse um tiro na minha cabeça em pleno *Setembro Amarelo*. Será que se depois disso levariam a sério a nossa saúde mental, que é tão abalada quanto o plano de extermínio deles? Será que se depois disso teríamos psicólogas e psiquiatras nos postos de saúde? Será que se depois disso teriam mais mulheres negras nestes espaços de poder tão brancos e héteros? Mas, no fim, tenho uma certeza, que seria notícia por uma semana e depois cairia no esquecimento. Não tenho condições de executar esse plano, pois o meu vestido amarelo as traças comeram. Não tenho dinheiro para ir a Brasília e o que me resta é uma certeza, que a cada dois anos nas eleições, em todos os Setembros Amarelos, lutarei para mudar estes espaços de poder tão brancos e héteros. Esta é homenagem a Antonieta de Barros, que abriu e trilhou muitos caminhos para muitas mulheres negras dentro deste país. Muito obrigada!

(Palmas)

Antes de declamar a poesia, eu vou puxar de novo, porque toda poesia tem que ter o grito: "Onde a voz ecoa e o grito ousa!"

(Manifestação das galerias)

Vamos para poesia: "Eu vejo um horizonte lá bem distante. Eu vejo um horizonte e caminho em direção a ele. Eu vejo um horizonte, por isso faz sentido continuar caminhando, mas eu vejo um horizonte que para uns é fantasia, para outros é utopia. E eu já me questionei se enxergo bem ou se eu tenho miopia, mas eu vejo um horizonte não tão distante. Todo dia um passo, a cada momento muitos tormentos, pois hoje só eu vejo um horizonte. Será que todos conseguem ver este horizonte onde a terra não seja um privilégio, a dignidade não seja para poucos, a moradia seja planejada, sonhada por

nós e não somente um depósito de dor e frustração? Que a água seja potável, que os quintais não sejam verticais, que não precisemos morrer pela fome, nem pela fila, nem pela espera, que cansamos de esperar e construir este novo horizonte cotidianamente. Eu vejo um horizonte e você também vê"? Muito obrigada!

(Palmas)

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS (Henrique Búrigo) - Obrigado Chaiane Guterres! Agora, convido a Bruna Vieira, que irá interpretar uma música para nós, por favor, Bruna. Uma salva de palmas!

A SRA. BRUNA VIEIRA - Boa-noite! Eu vou fazer a interpretação do Hino Nacional Brasileiro em rap.

(Procede-se à interpretação do hino.)

A SRA. BRUNA VIEIRA - A seguir irei cantar uma composição do Carlos Eduardo Cunha, o "Quinha do Morro do Mocotó", ele fez a composição e falou: "Bruna, coloca a tua voz, é para ti." Eu estou com 36 anos, eu tinha 17 anos na época e tinha um projeto na subida do Morro do Mocotó, Hip-Hop Cidadania, ao qual o Jason era o cabeça do projeto. Portanto esta composição o "Quinha" fez para mim.

(Procede-se a interpretação da canção.)

(Palmas) [*Transcrição: Taquígrafa Ana Maria*]

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marquito) - Olha gente, ficamos paralisados aqui, muito bom Bruna, parabéns! A Chai também foi sensacional, muito bom ver isso acontecendo nesta tribuna. Obrigado!

Vamos dar andamento na nossa sessão e eu vou convidar para fazer uso da palavra em nome das homenageadas e dos homenageados da noite, a senhora Jussara Pereira de Lima.

A SRA. JUSSARA PEREIRA DE LIMA - Licença aos mais novos, aos mais velhos, a Mesa, Deputado Marquito. Trouxe a minha colinha porque ultimamente ando muito chorona e ver vocês todos aqui para mim é um filme muito grande. Para quem passou pelo hip-hop na época de 90, que perdeu muitos amigos para o morro, para o tráfico.

Bateu a saudade dos anos 90, samba na sexta-feira no Mercado Público; domingo do Clube 15;

semana regada de hip-hop puro no terminal do Monte Cristo, onde nos encontrávamos. Algum parceiro tinha um grafite no muro, vários shows tocando vinil. O tempo passou, admito, envelheci e todo dia me pergunto: o que é isso daqui? A moda de hoje é outra. O rap que eu cresci me ensinou revolução. Leio muito, estudei muito, tudo o que meu pai falava, eu fazia. Meu pai nunca me levantou a mão e eu estava ali junto com os meninos, correndo atrás do nosso sonho, do hip-hop.

Falar do hip-hop é falar da vida, é falar de salvação, falar de inteligência, da comunicação, do respeito. Falar de hip-hop é falar de tudo o que é bom e que a sociedade fascista não gosta. Então, serei hip-hop até depois da morte. E com profundo respeito, reconhecimento, que estamos nesta Casa, em celebração aos 50 anos do hip-hop. Homenageando não apenas um legado deste momento cultural que trouxe fronteiras, mas também artistas catarinenses. Que essa Casa respeite e enriquece a nossa comunidade com suas criações e paixões pelo hip-hop.

Ao celebrarmos estes 50 anos de histórias, também enaltecemos a resiliência, a influência duradoura que o hip-hop exerce sob gerações presentes e futuras. Eu, meio adversidade artística, é a mensagem poderosa que o hip-hop traz consigo. Reafirmo, o nosso compromisso com a promoção da cultura e do espírito de transformação de incorporação. Gostaria de falar da história de cada um aqui, que eu sei e eu conheço, mas precisamos de alguns dias para podermos falar de todo mundo. Parabéns aos homenageados. Parabéns, parabéns, parabéns, Jussara Lima na voz.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marquito) - Muito obrigado Jussara, agora convido para fazer o uso da palavra, representando também esta sessão, o jornalista Edson Amaral, "Edsoul".

(Palmas)

O SR. EDSON AMARAL - Bom, eu não fiz o dever de casa, não trouxe colinha. É muito bom olhar para isso aqui, é muito legal olhar para essa cena

acontecendo. "Mizinho", muito obrigado cara; Alberna obrigado; Kchaça, valeu, muito obrigado irmão; Kim Isac, obrigado; Jean; Dona Aldaléia, muito obrigado; Jean Fábio Nascimento; Dj Capilé; aos antigos que estão conosco; Eu não vou citar todo mundo porque se não vou esquecer de alguém. Muito obrigado por ter aberto as portas do Monte Cristo para que o primeiro grupo da ilha pudesse entrar, muito obrigado. Jean, muito obrigado.

Você sabe, Marquito, que a primeira vez que eu entrei nesta Casa foi em 1993, primeira vez. Nós oriundos do Maciço do Morro da Cruz, mal sabíamos o que acontecia aqui dentro. Nós víamos um entra e sai de pessoas engravatadas, de pessoas bem-vestidas, com roupas que nem no meu melhor sonho pensava em ter. E nós entramos por um motivo muito nobre aqui, nós precisávamos fazer uma viagem a São Paulo porque nós fazíamos rap, pertencíamos ao movimento hip-hop e não tínhamos um real no bolso para ir até o estado que é o berço do hip-hop no nosso país. Não sei se nós conseguimos, não lembro dessa parte. Eu sei que nós chegamos em São Paulo e quando nós chegamos em São Paulo, todo mundo se imaginava ser Mano Brown. *[Transcrição: Cinthia]*

Nós encontramos uma realidade muito diferente da que a gente vivia aqui, eu entrei pela segunda vez aqui neste lugar, nestas paredes que não foram construídas para um rapaz como eu, e nós entramos pela segunda vez para pedir um novo ônibus. E nós entramos porque nós precisávamos ir a Brasília, "mestre Canetta", para a então marcha de 300 anos de Zumbi dos Palmares, que aconteceria em 1995, em frente ao Congresso Nacional. Marcos Canetta tem a resposta se nós conseguimos, eu não sei, conseguimos mestre? Tivemos que bancar, então nós não conseguimos.

Fato é que eu estou fazendo uma reflexão sobre a potencialidade que é o hip-hop, mas que não é bancado, nós nunca fomos bancados. O "Mizinho" eu conheci através do talento dele, perguntando como eu consigo bases para fazer as minhas músicas no supermercado, eu não tenho problema de falar o nome porque faliu, é o supermercado Vitória. Nunca foi fácil para nós e eu estou falando de uma

vertente que é a música, nós somos quatro pilares, até hoje os grafiteiros, que não tem dinheiro, não conseguem pagar suas latas, porque a lata é cara. Edificar o movimento não é fácil, deslegitimar o movimento é fácil, deslegitimar uma história concreta, raiz, é muito fácil. Difícil mesmo foi estar nas nossas peles. Nós acreditarmos que, sim, nós poderíamos avançar, poderíamos nos manter sadios através daquela cultura que nos propomos fazer parte. Foi difícil.

No meio dessas andanças, nós perdemos muita gente e nós lembramos até hoje, final da década de 1980, início da década de 1990, o filho do seu Silvío, o Adriano, foi assassinado na Grota, quase em frente da casa da dona Audaléia, que recebia mais de 30 de nós no porão da sua casa, porque nós ensaiávamos com o Aldijã, o filho dela, tecladista que está na plateia.

Quando nós começamos a perder nós mesmos, nós pensamos: e agora, desistimos? Não! Tivemos que amadurecer para que pudéssemos dar as mãos. Jussara teve que montar um grupo de mulheres para combater o machismo da época e hoje nós andamos de mãos dadas, mas por que eu estou dizendo isso? Porque se nós tivéssemos membros do hip-hop catarinense andando de mãos dadas e não dividindo, por vaidade, nós seríamos referência e potência para o mundo, não só para o nosso país.

Se faz necessário respeitar uma história que não nasceu ontem, que não nasceu nos anos 2000, Negro Rhudy, nasceu no final dos anos 80, com aqueles "caras" lá. Quando não legitimamos um berço, você não está reconhecendo a existência de alguém, você não está reconhecendo a história de alguém, nós precisamos ter muito cuidado com isso, muito cuidado.

Eu me considero membro do hip hop até hoje. Ter a visibilidade que eu tenho não é fácil não, ter o trabalho que você tem que usar, que não é fácil, Lane, não é, não é fácil seu trabalho, porque continuamos batalhando, dando "murro em ponta de faca" para atingir os altos patamares. E se tem um conselho para os mais novos: leiam! Sentem conosco, nós somos livros abertos, nós

podemos contar a história para vocês. "Mizinho", você me recebe na sua casa, eu quero saber parte da história que eu ainda não sei, o "Mizinho" vai nos receber. Se hoje nós estamos aqui é porque Marcos Canetta acreditou em nós, Juan Pinedo acreditou em nós, nos chamou de filhos, Aldaléia, acreditou em nós, Dona Inês minha mãe, que tem 72 anos, está ali atrás, o meu irmão do lado, aquele preto lindo japonês ali são testemunhas disso. Testemunhas do quanto essa parada nos edificou, nos transformou, nos transformou em mulheres e homens verdadeiramente de bem.

Hoje nós entramos pela porta da frente, temos um evento que leva e eleva o nosso nome. Eu entrei aqui em 1993, senhores, eu era uma criança, eu demorei muito tempo para ter estes microfones à minha disposição para que eu pudesse falar com o meu coração. Novamente, mais novos, não demorem tanto tempo, mas sem andar de mãos dadas, ninguém chega na linha de chegada, parece redundância, mas é isso. Se não for por nós, não viemos, é nós, por nós, até o fim! Respeitem a nossa história, porque fomos nós que começamos. Tchau, boa-noite.
[Transcrição: Guilherme]

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Marquito) - Estamos caminhando para o fim desta sessão, eu quero agradecer a presença de todos e todas. Quero dizer que rompemos uma barreira, avançamos um passo, ainda não é da forma com que queremos, mas já é um passo à frente. Quero dizer que esta sessão não se encerra aqui, temos um compromisso de manter os instrumentos de homenagem e através do mandato, daquilo que nós podemos construir, de auxiliar para que todo o Movimento Hip-Hop do Estado de Santa Catarina caminhe de mãos dadas e que possamos avançar neste processo. É isso que precisamos e eu quero dizer que essa sessão aconteceu e ela vem sendo conversada há muitos meses mesmo.

Eu quero agradecer imensamente ao núcleo de negros e negras do gabinete, com o "Luis BL", com a Mayne, com a Carol. (Palmas) E em conjunto com o Guto Lima, que coordena a parte de cultura do

gabinete, em conjunto com "Negro Rhudy" e com "Edsoul", chegamos no conjunto da arte desta sessão, que tem um significado enorme para o Movimento Hip-Hop de Santa Catarina, para o berço, para a raiz desse movimento e que é uma sessão que não se esgota aqui, tem o nosso compromisso de mandato, de continuar reconhecendo, representando e homenageando o conjunto daqueles e daquelas que constroem o hip-hop no nosso estado.

Quero dizer também que continuaremos na batalha para encontrar um instrumento para além de uma homenagem nós pensarmos nas premiações, no reconhecimento das iniciativas. Cada um aqui eu sei que muitas vezes vende o almoço para comprar a janta, para manter o hip-hop de pé. Que tira muitas vezes da família para manter o hip-hop de pé, eu sei o quanto que cada um aqui já perdeu dos seus e das suas nessa trajetória. E é função do poder público ter políticas públicas, porque o hip-hop, assim como outras culturas periféricas, ele salva e dá encaminhamento na vida de muita gente. E eu tenho certeza de que, discutindo e debatendo o que debatemos nesta Casa, um pouquinho só que seja, podemos dar um passo na perspectiva de políticas públicas com instrumentos orçamentários. Isso faria uma enorme diferença na vida de cada um e de cada uma. Um estado que muitas vezes dá passos atrás no fomento da cultura, nos editais de cultura, no acesso às comunidades periféricas das políticas culturais, é um estado que não se constrói na sua pluralidade e na sua diversidade e esse é o trabalho que vamos permanecer fazendo aqui.

Por isso, a presença de vocês é tão importante, ficará registrada nos instrumentos legais desta Casa e ela fica como registro também, assim como o hip-hop sempre foi uma forma de reivindicação e de luta, mantém-se também a reivindicação e a luta para que o estado se comprometa com instrumentos, recursos e formas de incentivar e de modificar a realidade e a vida das comunidades periféricas.

Quero deixar aqui o meu compromisso nessa construção e agradecer enormemente a confiança,

"Rhudy" e "Ed", em conjunto com o núcleo negro do gabinete. E seguiremos, não para aqui, não acabou aqui, é um passo à frente na construção de mãos dadas no Movimento Hip-Hop Catarinense.

A Presidência agradece a presença das autoridades e de todos e todas que nos honraram com seu comparecimento nesta noite. Antes de encerrar a presente sessão, convoco outra, ordinária, para o dia 5 de novembro, no horário regimental. Após ouvirmos a execução do Hino de Santa Catarina, composição de José Brazilício de Sousa e Horácio Nunes Pires, estará encerrada a presente sessão. Muito obrigado e seguimos juntos.

(Procede-se à execução do hino.)

Está encerrada a sessão. *[Transcrição: Sílvia]*

(Ata sem revisão dos oradores)